

*A furore Normannorum libera nos, Domine: a invasão dos vikings à Inglaterra de Alfred, o Grande (século IX)**

Isabela Dias de Albuquerque

É mestre em História Comparada pela UFRJ e graduada e licenciada em História pela UFF. Atualmente, é tutora no consórcio Cecierj/Cederj no curso de Formação Continuada em História.

RESUMO

Este artigo procura identificar como ocorreu a presença dos *vikings* na Inglaterra, a partir do século IX. Para tanto, analisaremos quais as motivações dos escandinavos em se lançarem aos mares e à conquista de novas terras dentro da Europa cristã. A fim de que possamos traçar melhor como se deu a convivência entre os habitantes anglo-saxões da ilha e os recém-chegados, analisaremos a *Danelaw* enquanto um espaço de interação.

PALAVRAS-CHAVE: migrações escandinavas, Inglaterra medieval, *vikings*

ABSTRACT

This article intends to identify how the presence of the vikings in England occurred from the 9th century. Therefore we will analyze which were the motivations of scandinavians in launching into the seas and to the conquest of new lands inside christian Europe. In order to trace how companionship developed between Anglo-saxon inhabitants of the island and the new comers, we will analyze Danelaw as a space of interaction.

KEYWORDS: scandinavian migrations, medieval England, vikings

O CONTEXTO DAS MIGRAÇÕES ESCANDINAVAS (SÉCULO VIII/IX)

Os povos de origem escandinava, comumente chamados de *vikings*, entre os séculos VIII-X, migraram para diversas regiões da Europa cristã, espalhando medo e causando terror por onde passavam. Suas incursões foram mais numerosas no Norte da França e na Inglaterra, e em ambos territórios eles também conseguiram se fixar.

Documentações cristãs como, por exemplo, os *Annales Bertiniani* (Anais de São Bertin), escritos no século IX, e os *Annales Vedastini* (Anais de São Vaast), do século X, expressam com detalhes o horror que esses povos causavam em suas *raids*. Os *vikings* eram conhecidos ainda por não pouparem de saques nem mesmo abadias e igrejas, porque não eram cristãos, e isso corroborava para espalhar ainda mais sua fama de guerreiros cruéis.

A partir do século VIII, a Europa viveu sua última grande leva de migrações, desde os tempos em que Roma ainda se organizava como Império. Povos de origem germânica, oriundos do Norte da Europa – mais especificamente da Escandinávia – deslocaram-se motivados

* Artigo recebido em 1 de maio de 2013 e aprovado para publicação em 17 de maio de 2013.



por fatores distintos. Apesar de denominá-los *vikings*, os povos da Escandinávia eram identificados por diferentes vocábulos, de acordo com a região: nas fontes de origem latina, os francos utilizavam *normann* – homens do norte – ou daneses, enquanto os ingleses preferiam daneses ou pagãos.¹

Não se sabe ao certo a procedência do termo *viking*, mas especula-se que sua utilização passou a ser mais recorrente a partir do século XIX. A origem da palavra está provavelmente ligada à palavra *vik* (baía) em nórdico antigo.² No contexto anglo-saxão do século VII, o vocábulo também aparece vinculado a atividades marítimas, em especial à pirataria, o que legou, mais tarde, a fama dos *vikings* de navegadores voltados muitas vezes para o saque.³ Em outras palavras, *vikings* eram primeiramente vistos como navegadores e em geral associados como piratas.

Apesar de identificarmos maior presença dos povos de origem escandinava a partir do século VIII/IX na Europa cristã, sabemos, tanto por meio de fontes documentais quanto por dados arqueológicos, que seu contato com Roma, por exemplo, data do século I. Os romanos não ocuparam a região da Escandinávia, bem como nunca tentaram conquistar estes povos, provavelmente porque as terras eram muito distantes e porque estes não representavam propriamente um perigo para as fronteiras do Império. Entretanto, o contato entre romanos e escandinavos foi relativamente regular, sobretudo no que diz respeito às trocas mercantis.

Entre os produtos mais importados, provenientes do mundo romano, pelos escandinavos, encontrávamos seda e outros têxteis, temperos e também vinho. Já os principais bens que os escandinavos exportavam para os romanos eram peles variadas, principalmente de foca. Escravos também eram um bem extremamente valioso que circulava entre regiões do Império e a Escandinávia.⁴

Em relação aos aspectos religiosos, sabemos que os escandinavos cultuavam diversos deuses e, apesar de estes apresentarem uma estrutura muito similar aos dos germanos descritos por Tácito (55-120), seus nomes costumam ser diferentes. Mui-

to embora tratemos dos aspectos religiosos dos escandinavos enquanto grupo, cabe ressaltar que não se tratava de um sistema unificado e/ou organizado, muito embora houvessem locais para cultos e altares.⁵ De acordo com Davidson, os deuses cultuados pelos nórdicos não eram exclusivos. Podemos identificá-los, sob outros nomes entre outros povos germânicos da primeira e da segunda geração das invasões, como por exemplo, visigodos e os anglo-saxões. O próprio Odin teria se desenvolvido “a partir de conceitos anteriores, comuns entre os germânicos do continente”⁶, e seria equivalente a Wodan ou Wotan.

É bastante comum também associarmos os *vikings* no imaginário popular a grandes navegadores e, de fato, eles o eram. Apesar de a tradição da construção naval escandinava não ser muito distinta das de outros povos do Norte da Europa – como anglos, saxões e frísios, por exemplo –, evidências arqueológicas apontam que navios *vikings* eram mais leves e mais velozes.⁷ A navegação era muito importante para esses grupos, pois os assentamentos escandinavos estavam localizados próximos ao mar. Nenhuma dessas regiões era montanhosa, o que só corrobora a nossa hipótese de que a navegação desenvolvia um papel central na vida na Escandinávia durante os primeiros tempos medievais. Além dessa importância geográfica, possuir embarcações era um sinal também de distinção social e quanto mais adornada esta fosse, maior o prestígio que seu dono possivelmente possuía.

Os *vikings* construíram diferentes navios, de pescueiros a dracares⁸, este último considerado um dos símbolos da Era Viking. Tendo em vista a importância que as embarcações e a navegação possuíam na vida dos escandinavos, suas lideranças muitas vezes escolhiam ser enterrados juntos com seus navios,⁹ conforme atesta também a arqueologia.

As viagens marítimas eram realizadas normalmente durante do dia, a uma distância segura da costa – longe o suficiente para evitar possíveis ataques em terra, mas também perto o bastante para terem locais em terra como referência. Outro pon-

to importante é que os escandinavos dos primeiros tempos medievais não utilizavam instrumentos de navegação, mas isso não impediu que transitassem por áreas que não conheciam. Quando navegavam em águas desconhecidas, por exemplo, procuravam valer-se de experiências anteriores e conselhos de navegadores que já haviam passado por aquela região.¹⁰

Entretanto, nem sempre os escandinavos navegavam próximos à costa e poderiam destinar suas embarcações, muitas vezes, por dias sem saber onde estavam. A fim de que não se perdessem, procuravam manter-se na mesma direção o máximo de tempo que pudessem, observando as aves como um método de navegação, para saberem se estavam próximos da terra ou não.

AS MIGRAÇÕES ESCANDINAVAS

Historiadores tem revisto nas últimas décadas quais os motivos que levaram os povos da Escandinávia a migrarem e, posteriormente, fixarem-se em algumas áreas da Europa cristã, mas isso ainda é passível de muitas discussões. Atualmente, os pesquisadores têm dado preferência a utilizar o termo migrações em vez de invasões, pois estamos diante de um evento no qual pessoas se deslocam, modificando não apenas os locais para os quais se destinam, como os de onde partiram também.¹¹ Outro ponto que merece destaque também é que estes eventos não ocorreram em um único momento, mas ao longo de décadas, sobretudo no caso da Inglaterra.

A primeira teoria a ser postulada para o deslocamento das populações de origem escandinava foi a do aumento populacional. Segundo esta, a população teria aumentado a tal ponto que ficaram faltando terras, o que gerou uma pressão demográfica e consequentemente a busca por outros locais para se fixarem. Entretanto, esta teoria não é aplicável para todas as regiões da Escandinávia, mas apenas para a parte ocidental da Noruega, onde havia poucas terras férteis cultiváveis. Somando-se a isso, a maioria dos *vikings* da primeira geração não estava à procura de terras para se fixar, mas de riqueza e pilhagem,

o que fazia com que logo em seguida deixassem a região atacada. Outro fator que corrobora para não sustentar tal postulado é que a população da Escandinávia não era também tão numerosa assim a ponto de demandar uma saída em massa.¹²

Outra teoria para as migrações centra-se na expansão comercial no Norte da Europa. No final do século VII, intensificou-se o contato entre a Inglaterra e o continente, o que ajudou a desenvolver centros relativamente grandes para a época, tais como Londres, York, Dorestead (no estuário do Reno) e Quentovic (atual Étapes-sur-Mer, no Norte da França). As regiões da Escandinávia e do Báltico desenvolveram-se devido a esse intercâmbio, particularmente, por suas peles, com elevado valor na Europa ocidental, e pelo âmbar.¹³

Sawyer relacionou esse contato com o interesse comercial ao seguinte:

The commercial links between northern and western Europe had consequences that in their turn prepared the way for the Viking raids (...) their contacts with western merchants enabled Scandinavians to learn about Europe's wealth and about the conflicts between, and within, European kingdoms from which they were later able to profit.¹⁴

Como podemos depreender pelo trecho acima, os escandinavos não estavam alheios ao que se passava na Europa cristã, fora da Escandinávia, pois não estavam isolados como muitas vezes somos levados a pensar. A possibilidade de lucro a partir desses contatos, fossem eles amistosos ou não, só fez com que o interesse pela Europa ocidental aumentasse.

Há ainda duas outras teorias que merecem destaque, pois nos ajudam a explicar as distintas motivações para as migrações: a expansão dos reis daneses e os conflitos nos reinos europeus.

A partir do século IX, os reis daneses iniciam sua expansão em torno das regiões de Skagerrak¹⁵ e Kattegat¹⁶, a fim de submeter senhores de terra menores. Aqueles que não conseguissem resistir e não quissem

se manter sob domínio dos daneses poderiam recorrer ao exílio, uma proposta mais atrativa, na qual poderiam reunir fama e riqueza ou liderar essas incursões.¹⁷ Quando não se submetiam ao comando, após conquistados, os antigos senhores de terra na Escandinávia recorriam ao exílio. Dentro dessa perspectiva estava o que Wilson chamou de espírito de aventura¹⁸, tendo em vista que esta era uma maneira de enriquecer por meio da guerra, a partir do butim, conquistando também fama e glória das batalhas. Os escandinavos julgavam melhor e mais importante sair em busca de riqueza fora da Península, se fosse o caso, a se submeter a alguém de condição mais elevada.

Como grandes conquistadores dos mares no período medieval, os escandinavos foram responsáveis ainda pela colonização da Islândia – iniciada no século IX pelos noruegueses – e, a partir desta, continuaram a empreitada com a ocupação da Groenlândia, também no mesmo século. Contudo, sua participação nos mares não se encerrou por aí, pois foram responsáveis também pela tentativa de estabelecer assentamentos na porção Norte da América, no atual Canadá, na Ilha de Terra Nova (*Newfoundland*).¹⁹

As primeiras incursões *vikings* no século IX concentraram-se em duas regiões: parte sudeste do Mar do Norte e na costa do Canal da Mancha. Algumas vezes, as dificuldades enfrentadas pelos escandinavos em posteriormente conquistar essas regiões fizeram com que estes se deslocassem para áreas não muito organizadas política e militarmente, como a Irlanda, por exemplo.

Os conflitos entre as lideranças guerreiras na Europa, tanto na Inglaterra quanto na França, tornaram também o ambiente propício para que os escandinavos adentrassem estes territórios. Em 841, após a morte de Luís, o Piedoso, seus filhos iniciam uma guerra uns contra os outros pela ocupação do trono no Reino Franco. Com este desguarnecido, os *vikings* perceberam que não seria difícil pilhar, mosteiros e cidades, a partir de rios navegáveis.²⁰ Outro exemplo foram os bretões da Cornualha, em 838, que receberam *vikings* para ajudá-los na luta contra Wessex, um dos reinos anglo-saxões.

Como podemos identificar, não há apenas um motivo que impulsionou e tornou possível o deslocamento de populações escandinavas. O interesse econômico dos *vikings* nos reinos europeus cristãos, as disputas das lideranças dentro da Escandinávia e a possibilidade de se aproveitarem dos conflitos na Europa ocidental e de lucrarem com eles compõem o nosso quadro explicativo dos fatores que corroboraram para as migrações danesas, entre os séculos IX e XI.

A PRESENÇA ESCANDINAVA NA EUROPA CRISTÃ: O CASO DA INGLATERRA ALFREDIANA (SÉCULO IX)

A melhor documentação em que encontramos informações sobre as incursões *vikings* na Inglaterra são as *Crônicas Anglo-Saxãs*, normalmente utilizadas na forma inglesa *The Anglo-Saxon Chronicles*. As *Crônicas* são uma convenção adotada entre os pesquisadores para designar uma série de manuscritos produzidos e compilados em diferentes regiões da Inglaterra, entre os séculos IX-XI, tanto em latim quanto em inglês antigo. Organizados normalmente em oito manuscritos²¹, não há uma padronização dos eventos narrados por cada uma delas. De autoria desconhecida, os cronistas – que poderiam ser clérigos ou leigos – não relatam os acontecimentos de maneira objetiva, mas de diferentes formas, segundo seus pontos de vista.

Os manuscritos diferem uns dos outros também quanto a algumas informações locais, relativas às regiões nas quais cada um foi produzido. Utilizamos neste trabalho o MS A (*The Parker Chronicle*), escrito em inglês antigo, pelo fato de ser considerado a narrativa mais completa em relação aos eventos durante a ascensão do reino de Wessex.

As investidas escandinavas aterrorizavam camponeses e depunham dinastias de seus tronos. No caso específico da Inglaterra, os primeiros ataques foram ao mosteiro de Lindisfarne, em junho de 793, na costa da Northumbria. Seguiram-se a estes outros ataques também a mosteiros, como em Iona, na Escócia, e Whitby, no norte da In-

glaterra. Nas *Crônicas*, encontramos diversas referências às incursões *vikings*, não só em território inglês, como também em outras regiões da Europa, como a França, por exemplo. Sobre o ataque de Lindisfarne, segue o trecho abaixo:

This year came dreadful fore-warnings over the land of the Northumbrians, terrifying the people most woefully: these were immense sheets of light rushing through the air, and whirlwinds, and fiery, dragons flying across the firmament. These tremendous tokens were soon followed by a great famine: and not long after, on the sixth day before the ides of January in the same year, the harrowing inroads of heathen men made lamentable havoc in the church of God in Holy-island, by rapine and slaughter.²²

Como podemos identificar, o ataque a Lindisfarne foi descrito como uma espécie de prenúncio – seguido de raios, turbilhões e dragões cortando o céu. O documento em questão serve para ilustrar a descrição do medo que os ataques escandinavos representavam para os ingleses.

Alguns grupos pequenos tinham como objetivo apenas o saque e, posteriormente, retornar para a Escandinávia. Entretanto, não demorou para que começassem a se interessar em permanecer mais tempos nos territórios invadidos, podendo, inclusive, fixarem-se nestes.

De acordo com as *Crônicas*, os ataques *vikings*, que nesta documentação eram chamados de pagãos, eram muito esparsos e só passaram a ser mais constantes por volta de 835, dessa vez na parte sul da ilha. O silêncio na documentação sobre esses ataques durante o primeiro quarto do século IX sugere que os ingleses não teriam sido muito incomodados pelos escandinavos nesse período.

No ano de 851, uma frota de 350 navios adentrou o estuário do Tâmsa, saqueou Londres e derrotou o Rei Beorthwulf, da Mercia.²³ Na visão de Richards, professor do Departamento de Arqueologia da Universi-

dade de York, devemos tomar alguns cuidados com os números fornecidos pelas *Crônicas*, pois eles tendem a ser exagerados. Como os ingleses estavam sendo invadidos, era normal que eles tendessem a aumentar o número dos invasores.²⁴

De acordo com ASC, por volta de 865/6, um grande exército (*micel here*, em inglês antigo) chegou a East Anglia, provavelmente vindo da Escandinávia, muito embora exista a possibilidade de que fosse composto também de *vikings* com base no continente ou na Irlanda.

The annals in the *Anglo-Saxon Chronicles* afford a good sense of the course of the army's campaign in the late 860's, as it moved from East Anglia into Northumbria in 866, from Northumbria into Mercia in 867, and back into Northumbria in 868, before returning via Mercia to East Anglia in 869.²⁵

A movimentação dos escandinavos, de acordo com as datas das *Crônicas*, era constante, passando por diferentes regiões da Inglaterra. A Northumbria foi o primeiro reino a cair nas mãos dos invasores e onde assentamentos e a cultura escandinava estabeleceram suas raízes, dando origem, mais tarde, ao reino de York, o qual resistiria ao domínio de Wessex até o ano de 954, quando seu último rei de origem escandinava Eric *Bloodaxe* (Machado Sangrento) morreu.²⁶

Este exército não se fixou em East Anglia, mas se deslocou por duas outras regiões: Mercia e Northumbria. Após retornarem a East Anglia em 869, os escandinavos mataram o Rei Edmund, estabelecendo um sistema de governo próprio. Foi a partir da conquista da região em questão que os *vikings* iniciaram suas ofensivas a um dos reinos mais ricos da Inglaterra: Wessex.

Entretanto, os ingleses não estavam tão despreparados assim no momento da chegada dos escandinavos à Inglaterra, tendo em vista o número de fortificações já existentes. O que representava um grande diferencial para a vitória dos daneses residia na rapidez dos ataques.²⁷ Com um grupo considerável de guerreiros e se utilizando dos es-

tuários dos rios, tais como o Tâmsa, ao sul, e o Humber, ao norte, os *vikings* puderam, com relativa facilidade, adentrar as cidades mais distantes do litoral, sem que estas estivessem esperando o ataque.



Mapa da Inglaterra durante a Heptarquia

O REINADO DE ALFRED DE WESSEX E A DANELAW

Alfred foi rei de Wessex entre os anos 871 e 899. Nascido em Wantage, no atual condado de Oxfordshire, em 849 – muito embora essa informação ainda seja passível de discussões –, era o quinto filho do rei Æthelwulf (839-858) com sua primeira esposa Osburh. Quando assumiu o trono, em 871, seus irmãos Æthelstan, Æthelbald (858-860), Æthelberth (860-865) e Æthelred (865-871) já estavam mortos. Este último foi morto em combate contra os *vikings*.

O período alfrediano (871-899) pode ser identificado pela iniciativa do governante no incentivo à produção literária. A corte de Alfred era marcada por letrados que se dedicavam à produção de textos, e não havia apenas homens de origem angla ou saxã, mas também francos, frísios, irlandeses, bretões e escandinavos, por exemplo.²⁸

Foi no ano de 871 que as primeiras investidas dos daneses a Wessex começaram. Neste mesmo ano, os ingleses travaram sua primeira batalha contra os escandinavos em Reading, no vale do Tâ-

misa, e, além de não terem conseguido conter o avanço escandinavo, as baixas dos saxões do oeste foram muitas, incluindo a do seu rei, Æthelred (865-871).

A partir de 873/4, o “grande exército” – identificado nas *Crônicas* como *mycel here*, comandado por Halfdan, irmão de Ivar, uniu-se a um “grande exército de verão” (*mycel sumorlida*), atuando concomitantemente em Mercia. No ano de 875, entretanto, estes dois exércitos dividiram-se: Halfdan foi em direção ao norte e retornou para York, enquanto o exército de verão permaneceu em Mercia, sob o comando de Guthrum.²⁹

Alfred sucedeu seu irmão em abril do mesmo ano como rei de Wessex e possuía a difícil tarefa de conter o avanço escandinavo. Entre os anos 875 e 878, Wessex esteve sob a constante ameaça de invasão dos daneses, tendo em vista que seu líder, Guthrum, controlava East Anglia e Mercia, regiões fronteiriças ao reino dos saxões do oeste.

No ano de 878, os saxões do oeste sob a liderança de Alfred conseguiram derrotar Guthrum, na batalha de Edington, o primeiro e um dos maiores marcos da vitória dos ingleses contra os escandinavos. Após ter sido derrotado, Guthrum fez a paz com Alfred, aceitando deixar Wessex, e foi batizado com o nome de Æthelstan. Entre 878 e 886 Alfred e Guthrum, por meio de uma paz formal, firmaram um acordo que delimitou as fronteiras de ambos, bem como suas esferas de influência.³⁰

A vitória dos saxões do oeste em Edington foi de fundamental importância para conter o avanço escandinavo na Inglaterra. Após esse episódio, Wessex passou a comandar o processo de retração das conquistas danesas, conseguindo inclusive recuperar territórios, que posteriormente ficaram sob seu comando, tais como Mercia e Northumbria.³¹

A partir do momento em que escandinavos e ingleses eram impelidos à convivência na ilha, delimitou-se uma divisão, que ficou conhecida como *Danelaw*. Essa região correspondia a uma faixa de terra que abrangia a área de Yorkshire, East Anglia e a parte central e oriental das *Midlands*.³² Muito embora não houvesse uma precisão no que tange à

divisão da terra, a importância da *Danelaw* está no fato de, mais tarde, dividir quais as áreas na Inglaterra eram tipicamente inglesas e quais eram de influência escandinava.

The *Danelaw* receives its earliest implicit recognition in an undated treaty between Alfred and Guthrum (d. 890). Each recognised the territorial rights of the other and gave equal legal value, or *wergild*, to both Dane and Englishman. Part of its purpose was to provide protection for Englishmen of free status who fell under the authority of Guthrum and 'the army', whose own customary law was already affecting land-rights.³³

Dessa forma, o objetivo da *Danelaw* era delimitar onde cada liderança poderia atuar, bem como garantir a proteção de homens livres daneses, caso estivessem em território comandado pelos ingleses e vice-versa. O uso da terminologia étnica (*dane*) não indica, portanto, que essas áreas eram apenas compostas por daneses, mas que os governantes dessa região eram de origem escandinava. O termo *Danelaw* aparece nos regis-

tros pela primeira vez c. 1008 e era utilizada em códigos legais ao longo dos séculos XI e XII, a fim de distinguir regiões tipicamente danesas, em oposição àquelas sob influência de Wessex e Mercia.³⁴

Podemos observar também que no período das migrações escandinavas as diferenças regionais tenderam a diminuir, pois toda a comunidade inglesa acabava por enxergar os *vikings* como um inimigo comum.

É importante ressaltarmos ainda que, ao mesmo tempo em que houve a marcação da diferença entre escandinavos e ingleses, houve também algumas assimilações, principalmente no que diz respeito à língua. Outra questão importante foram as uniões entre ingleses e escandinavos, como uma forma destes galgarem posições sociais mais elevadas.³⁵ Esse processo, no século XI, leva-nos a falar dessas regiões de assentamentos escandinavos como áreas anglo-escandinavas.

A *Danelaw* representava, portanto, um espaço de interações em que é possível perceber melhor como as relações entre ingleses e escandinavos ocorrem, a fim de que possamos rastrear as identidades de ambos os grupos. Apesar de nos utilizarmos dessas denominações identitárias – ingleses, anglo-saxões, escandinavos, *vikings*, daneses – como uma forma de conceituarmos nossos protagonistas, na realidade isso não acontece de maneira assim tão sistemática.

Durante a Antiguidade e a Idade Média, não se tinha muito clara a noção de pertença a um grupo étnico específico. No processo de formação dos reinos germânicos, por exemplo, não havia homogeneidade, como muitas vezes os próprios nomes sugerem – Reino Franco, Reino Visigodo, Reino Vândalo. As disputas por territórios não ocorriam devido a diferenças culturais ou étnicas, propriamente, pois os habitantes desses reinos recém-formados não distinguiram claramente os termos étnicos, políticos e territoriais, mas muito mais por uma rivalidade entre a aristocracia.³⁶

No caso específico dos povos na Idade Média, é importante que não percamos de vista o processo histórico que constituiu suas identidades, pois este não é natural, como muitas vezes somos impelidos a pen-



Mapa *Danelaw*

sar. As elites possuem um papel importante nessa empreitada e, apesar de vermos referência em documentos medievais a povos (*Lex Visigothorum*, *Regnum Francorum*, *Gens Anglorum*), há uma diversidade de povos dentro de seus domínios.

Diversos desses reinos não constituíam, nem mesmo em suas elites, cerca de 1% do grupo étnico ao qual diziam pertencer. Portanto, o grupo étnico foi pensado e construído a partir do discurso, como uma estratégia política. A polietnia, que era uma realidade a essa época, foi transformada em unidade com o nome dos reinos (Reino dos Visigodos, Reino dos Vândalos, Reino dos Burgúndios, Reino dos Francos, etc.)³⁷ e a adoção de uma Inglaterra anglo-saxã faz parte deste contexto. A própria *Danelaw* é uma expressão dessa construção, pois, apesar da referência danesa ao território, isto significa que era governado por eles, mas não que seus habitantes eram todos de origem escandinava.

CONCLUSÃO

Como podemos depreender pelos argumentos expostos ao longo do texto, os *vikin-*

gs desempenharam um papel fundamental no processo de formação da Inglaterra, no século IX/X, juntamente com a matriz anglo-saxã. As diferenças entre ambos os grupos geraram desde conflitos, durante as tentativas de saque e repartição dos espólios da ilha, até negociações mais amistosas que prezavam pelo convívio entre os dois grupos.

Navegadores habilidosos, os escandinavos utilizaram-se dos elementos disponíveis no que tange aos conhecimentos da navegação da época, a fim de não apenas limitarem-se à costa europeia, mas também a áreas mais longínquas, como Groenlândia e até mesmo o atual Canadá.

Durante o período alfrediano, dentro desse processo de contato entre ingleses e escandinavos, estes se revezaram entre razias esparsas e constantes, chegando até a se fixarem em território inglês, estabelecendo novos limites para a atuação de ambos na ilha, como no caso da *Danelaw*. Entretanto, muito embora tendamos a classificar esses povos enquanto categorias muito bem marcadas, as identidades nem sempre estiveram tão bem delimitadas quanto costumamos imaginar.

REFERÊNCIAS

Fontes

The Anglo-Saxon Chronicles. Capturado de <http://omacl.org/Anglo/> em maio de 2011.

Bibliografia

ABELS, Richard. *Alfred the Great: War, Kingship and Culture in Anglo-Saxon England*. Harlow: Longman, 1998.

DAVIDSON, H.R. Ellis. *Deuses e mitos do Norte da Europa*. São Paulo: Madras, 2004.

DURHAM, Keith, HARRISON, Mark & HEATH, Ian. *The Vikings: voyageurs of discover and plunder*. Wellingborough: Osprey Publishing, 2006.

GEARY, Patrick. *O mito das nações: a invenção do nacionalismo*. Cambuci: Conrad Livros, 2005.

HADLEY, D.M. Viking and native: re-thinking identity in the Danelaw. In: *Early Medieval Europe*. Blackwell Publishers Ltd, 2002.

HINDLEY, Geoffrey. *A brief history of the Anglo-Saxons. The beginnings of the English nation*. London: Robinson, 2006.

LAPIDGE, Michael, BLAIR, John, KEYNES, Simon and SCRAGG, Donald. *The Blackwell Encyclopedia of Anglo-Saxon England*. Oxford: Blackwell Publishing, 2008.

NEVEUX, François. *A brief history of the Normans: the conquests that changed the face of Europe*. London: Robinson, 2008.

POHL, Walter. *The construction of ethnic communities*. Leiden: Brill, 1998.

RICHARDS, Julian D. *Viking Age England*. Stroud: The History Press, 2010.

SAWYER, Peter. *The Oxford Illustrated History of the Vikings*. Oxford: Oxford University Press, 2011.

WILLIAMS, Ann. *Kingship and Government in pre-Conquest England: (500-1066)*. London: Macmillan Press LTD, 1999.

WILSON, David. *The Vikings and their Origins: Scandinavia in the First Millennium*. London: Thames and Hudson, 1970.

¹ SAWYER, Peter. The Age of the Vikings, and Before. In: *The Oxford Illustrated History of the Vikings*. Oxford University Press, 2011. p. 2.

² RICHARDS, Julian D. *Viking Age England*. Stroud: The History Press, 2010. p. 10.

³ NEVEUX, François. *A brief history of the Normans: the conquests that changed the face of Europe*. London: Robinson, 2008.

⁴ WILSON, David. *The Vikings and their Origins: Scandinavia in the First Millennium*. London: Thames and Hudson, 1970.

⁵ SØRENSEM, Preben M. Religions Old and New. In: *The Oxford Illustrated History of the Vikings*. Oxford: Oxford University Press, 2011. p. 213.

⁶ DAVIDSON, H.R. Ellis. *Deuses e mitos do Norte da Europa*. São Paulo: Madras, 2004. p. 44. Dentre as deidades mais famosas no panteão nórdico encontramos: Odin (deus da poesia, mestre da magia; possuía um grande poder e conhecimento. Era também o deus da guerra, e aqueles que o seguiam que morriam em batalha juntavam-se a ele no *Valhalla*); Thor (um deus mais popular, embora não tão poderoso quanto Odin. Seu nome está associado ao trovão e ele era extremamente forte. Sua mãe é Jörd e seu pai, Odin. Seu martelo (*Mjollnir*) era um símbolo muito popular entre os amuletos) e Njord (deus dos mares, do vento e da fertilidade. Era pai de Freya, deusa do amor, e Frey).

⁷ BILL, Jan. Ships and seamanship. In: *The Oxford Illustrated History of the Vikings*. Oxford: Oxford University Press, 2011. p. 182.

⁸ Dracares eram típicos navios *vikings*, com remos e velas. Utilizado tanto para conquistas quanto para o comércio, esse tipo de embarcação era comum pela cabeça de dragão em sua proa. Poderia ser usado ainda para a navegação em águas profundas e em águas rasas.

⁹ DURHAM, Keith, HARRISON, Mark & HEATH, Ian. *The Vikings: voyageurs of discover and plunder*. Wellingborough: Osbrey Publishing, 2006. p. 142.

¹⁰ BILL, Jan. Ships and seamanship. In: *The Oxford Illustrated History of the Vikings*. Oxford: Oxford University Press, 2011. p. 197.

¹¹ NEVEUX, François. *A brief history of the Normans: the conquests that changed the face of Europe*. London: Robinson, 2008. p. 24.

¹² NEVEUX, François. *Op. cit.* p. 25.

¹³ SAWYER, Peter. The Age of the Vikings, and Before. In: *The Oxford Illustrated History of the Vikings*. Oxford: Oxford University Press, 2011. p. 4.

¹⁴ SAWYER, Peter. *Op. cit.* p. 7. "As ligações comerciais entre a Europa do norte e ocidental tiveram consequências que posteriormente prepararam o caminho para as incursões *vikings*. (...) seus contatos com mercadores ocidentais tornaram possível aos escandinavos aprender sobre as riquezas da Europa e seus conflitos entre e com os reinos europeus, em cima dos quais eles puderam, mais tarde, lucrar." (tradução livre)

¹⁵ Estreito que liga a costa sudeste da Noruega à costa sudoeste da Suécia, com a península da Jutlândia, na Dinamarca.

¹⁶ Conexão da Escandinávia com o Mar Báltico.

¹⁷ SAWYER, Peter. The Age of the Vikings, and Before. In: *The Oxford Illustrated History of the Vikings*. Oxford: Oxford University Press, 2011. p. 8.

¹⁸ WILSON, David. *The Vikings and their origins: Scandinavia in the First Millenium*. London: Thames and Hudson, 1970. p. 47.

¹⁹ RAFNSSON, Sveinbjörn. The Atlantic Islands. In: *The Oxford Illustrated History of the Vikings*. Oxford: Oxford University Press, 2011. p.119.

²⁰ SAWYER, Peter. The Age of the Vikings, and Before. In: *The Oxford Illustrated History of the Vikings*. Oxford: Oxford University Press, 2011. p. 9.

²¹ Os manuscritos da ASC são: 39 (MS. A, conhecido também como *The Parker Chronicle*), 188 (MS. B), 191 (MS.C), 192 (MS.D), 346 (MS.E, conhecido também como *The Peterborough Chronicle*), 148 (MS. F) , 180 (MS.G) e 150 (MS.H). KEYNES, Simon. Anglo-Saxon Chronicle. In: LAPIDGE, Michael, BLAIR, John, KEYNES, Simon and SCRAGG, Donald. *The Blackwell Encyclopaedia of Anglo-Saxon England*. Oxford: Blackwell Publishing, 2008.

²² *The Anglo-Saxon Chronicles*. Capturado de <http://omacl.org/Anglo/> em maio de 2011. "Neste ano, ocorreu um terrível prenúncio na terra dos northumbrianos, aterrorizando, mui lamentavelmente, as pessoas: foram imensos raios cortando os céus e turbilhões ferozmente, dragões voando pelo firmamento. Estes sinais foram logo seguidos de uma grande fome: e não muito depois, no sexto dia antes dos idos de janeiro, no mesmo ano, as angustiantes invasões de pagãos fizeram uma lamentável devastação na igreja de Deus, na Santa Ilha, saqueando e matando." (Tradução livre)

²³ HINDLEY, Geoffrey. *A brief history of the Anglo-Saxons. The beginnings of the English nation*. London: Robinson, 2006. p. 185.

²⁴ RICHARDS, Julian D. *Viking Age England*. Stroud: The History Press, 2010. p 26.

²⁵ KEYNES, Simon. The Vikings in England (c.790-1016). In: SAWYER, Peter. *The Oxford Illustrated History of the Vikings*. Oxford: Oxford University Press, 2011. p. 54. "Os anais nas *Anglo-Saxon Chronicles* dão-nos uma boa noção do curso da campanha do exército na década de 60 do século IX, enquanto se movia de East Anglia para Northumbria, em 866, da Northumbria para Mercia, em 867, da volta a Northumbria em 868, antes de retornar para East Anglia, via Mercia, em 869." (Tradução livre)

²⁶ ABELS, Richard. *Alfred the Great: War, Kingship and Culture in Anglo-Saxon England*. Harlow: Longman, 1998. p. 117.

²⁷ WILLIAMS, Ann. *Kingship and Government in pre-Conquest England: (500-1066)*. London: Macmillan Press LTD, 1999. p. 69.

²⁸ HINDLEY, Geoffrey. *A brief history of the Anglo-Saxons. The beginnings of the English nation*. London: Robinson, 2006. p. 215.

²⁹ WILLIAMS, Ann. *Op. cit.* p. 70.

³⁰ WILLIAMS, Ann. *Op. cit.* p. 71.

³¹ HINDLEY, Geoffrey. *A brief history of the Anglo-Saxons. The beginnings of the English nation*. London: Robinson, 2006. p. 198.

³² HIGHMAN, N.J. Danelaw. In: LAPIDGE, Michael, BLAIR, John, KEYNES, Simon and SCRAGG, Donald. *The Blackwell Encyclopedia of Anglo-Saxon England*. Oxford: Blackwell Publishing, 2008. p.136.

³³ HIGHMAN, N.J. Danelaw. *Op. cit.* p.136. "Danelaw recebe seu reconhecimento mais antigo implícito a partir de um tratado sem data entre Alfred e Guthrum (m.890). Cada um reconhecia os direitos territoriais do outro e dava valor legal igual, ou *wergild*, para ambos daneses ou ingleses. Parte desse acordo foi para providenciar proteção para os ingleses livres que caíssem sob a autoridade de Guthrum e do 'exército', cujo próprio direito consuetudinário já afetava os direitos da terra." (Tradução livre)

³⁴ HADLEY, D.M. Viking and native: re-thinking identity in the Danelaw. In: *Early Medieval Europe*. Blackwell Publishers Ltd, 2002. p. 47.

³⁵ HADLEY, D.M. *Op. cit.* p. 61.

³⁶ GEARY, Patrick. *O mito das nações: a invenção do nacionalismo*. Cambuci: Conrad Livros, 2005. p. 178.

³⁷ POHL, Walter. Introduction. In: Strategies of distinction: *The construction of ethnic communities*. Leiden: Brill, 1998. p. 3 "A questão mais importante é que as comunidades étnicas não são essências biológicas ou ontológicas imutáveis, mas o resultado de um processo histórico, ou, como se pode colocar, um processo histórico em si mesmas." (Tradução livre)